

AÇÃO POLÍTICA E O DISCURSO POLÍTICO: Elementos discursivos sobre urnas eletrônicas em um contexto de desinformação

Joao Victor Silva de, SOUSA

Paulo Pessôa de Andrade, NETO

Mônica Cristine, FORT

Universidade Tuiuti do Paraná, UTP

Centro Universitário Internacional, Uninter

INTRODUÇÃO

Visando a uma multidão indistinta, a um grupo definido ou a um auditório privilegiado, Ruth Amossy (2020) salienta que o discurso procura sempre produzir um impacto sobre seu público. E quando tomamos qualquer enunciado, pode-se ter um sentido político, a partir do momento em que a situação o autorizar, aponta Patrick Charaudeau (2018). Dessa forma, “a ação política e o discurso político estão indissociavelmente ligados, o que justifica pelo mesmo raciocínio o estudo político pelo discurso. Não há política sem discurso. Este é constitutivo daquele” (CHARAUDEAU, 2018, p. 37). Entre os conteúdos enganosos relacionados às eleições presidenciais em 2018 e que voltaram a ser mencionados em 2022, a confiabilidade das urnas eletrônicas esteve em pauta. Informações a respeito da insegurança e da manipulação dos votos circularam em redes sociais digitais e foram replicadas por políticos, incluindo Jair Bolsonaro. Discursos do Presidente da República reafirmaram desconfianças populares que, de acordo com D’Ancona (2018) e Derosa (2019), têm sido observadas com mais frequência a partir dos anos de 1990. A diferença para os dias atuais, para Empoli (2020), é que o uso dessa desconfiança como artifício político está cada vez mais presente na política mundial “[...] o jogo não consiste mais em unir as pessoas em torno de um denominador comum, mas, ao contrário, em inflamar as paixões do maior número possível de grupelhos para, em seguida, adicioná-los, mesmo à revelia”, (EMPOLI, 2020, p. 21).

DESENVOLVIMENTO

O estudo de natureza qualitativa, emprega pesquisa documental e análise de textos, tanto os empregados no descrédito do sistema eleitoral por Jair Bolsonaro e seus apoiadores, quanto os de sua defesa por parte do TSE no segundo semestre de 2021 e início de 2022. Pressupostos de Dominique Maingueneau (2018) ajudam a compreender

as ações de repetir fatos atribuindo caráter de credibilidade dada a fonte de informação ser uma autoridade pública. Entende-se, portanto, que é até mais importante como a mensagem é dita do que o que é dito, ou seja, observa-se o uso de fundamentos retóricos. Assim, aplica-se a análise do *ethos* discursivo na fala do Presidente Jair Bolsonaro em 07 de setembro de 2021. Também é feita a análise do *ethos* discursivo da campanha veiculada em rede nacional de rádio e televisão, com o mote “A urna eletrônica é o caminho e a democracia é a estrada”, do TSE, composta por três vídeos, criada por Nizan Guanaes, a pedido do Ministro Luís Roberto Barroso, em nome do Tribunal. Após as análises de cada vertente, será feita a comparação dos argumentos e estratégias de tais discursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Guilbert (2020), a repetição de uma opinião ou comentário, principalmente nos meios que circulam no ambiente digital, acaba sendo transformada em conhecimentos compartilhados. A frequente reutilização de desinformação sobre as urnas eletrônicas, fazem parte do processo que Guilbert (2020) chama de envelopamento contínuo, onde a própria repetição passa a ser a base para comprovação do que é dito. Ramonet (2013) aponta a preocupação crescente em líderes de opinião que não são especialistas no assunto, mas seus comentários e achismos podem ser interpretados como uma verdade. Esse personagem, ao qual Ramonet (2013) chama de “cidadão informante”, usa de seu amplo poder de fala de modo que pode causar riscos a quem o consome como única fonte de informação. O cidadão informante “tem duas características principais por um lado, ele é um amador, não um profissional da informação em nossa sociedade, a internet está permitindo o auge da massificação de um novo tipo de amador especialista. (MORAES; RAMONET; SERRANO, 2013).

A velocidade com que conteúdos falsos propagam dados, principalmente, nas redes sociais digitais e nos aplicativos de troca instantânea de mensagens é um fator preocupante. Quando uma autoridade, como o Presidente da República, insinua insatisfação com um sistema, desperta a desconfiança de parte de eleitores que já estão descontentes e que acabam concordando com o que querem saber e não com o que precisam saber. E no discurso das mídias de informação, o sujeito informante tem necessidade da credibilidade, pois o desafio, nessa situação, é transmitir uma informação clara, não truncada, aponta Charaudeau (2018).

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. A argumentação no discurso / Ruth Amossy; coordenação da tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira; tradução de Angela M. S. Côrrea... [et al.] - 1ª ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso político / Patrick Charaudeau; tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. - 2. ed., 4ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2018.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade:** a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. [tradução Carlos Szlak] - 1 Ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DEROSA, Cristian. **Fake News:** Quando os jornais fingem fazer jornalismo. 1 Ed. Estudos Nacionais, janeiro de 2019.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos.** [tradução Arnaldo Bloch]. - 1. ed.; 3. reimp. - São Paulo: Vestígio, 2020. (Espírito do tempo)

GUILBERT, Thierry. **As evidências do discurso neoliberal na mídia.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

MORAES, D.; RAMONET, I.; SERRANO, P. **Mídia, poder e contrapoder:** da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Editora Boitempo Editorial, 2013.